

Fase ofensiva no handebol: atuação de jovens goleiras na perspectiva de treinadores do estado de São Paulo

The handball offensive phase: performance of young goalkeepers in the perspective of coaches of the state of São Paulo

PIERRONI IC, MENEZES RP, MARQUES FILHO CV, SANTOS YYS, LIMA LA, GALATTI LR. Fase ofensiva no handebol: atuação de jovens goleiras na perspectiva de treinadores do estado de São Paulo. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):5-12.

RESUMO: A goleira de handebol detém uma série de particularidades quando comparada às demais posições. Mesmo chamando atenção por exercer funções defensivas, sua participação no ataque pode ter elevada importância. Este estudo objetivou descrever a percepção de treinadores de equipes femininas de handebol da categoria cadete (sub-16) sobre a função da goleira, identificando suas preferências quanto ao treinamento, especificidades da posição e sua concepção sobre a goleira na fase ofensiva de jogo. Participaram do estudo cinco treinadores da maior liga do estado de São Paulo. O método se baseou em uma pesquisa qualitativa, sendo utilizadas entrevistas estruturadas com seis perguntas. Os dados obtidos foram tabulados e analisados de acordo com o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os treinadores evidenciaram a importância da goleira na fase ofensiva, destacando seu papel na reposição de bola rápida e na ligação de contra-ataques, e a possibilidade de exercer a função de goleira-linha. Também foi evidenciada a necessidade de boa comunicação entre a goleira e as jogadoras de linha. Parte dos treinadores destacou que uma goleira que contribui com qualidade à fase ofensiva pode ser um diferencial em jogos decisivos. Ademais, alguns treinadores destacaram a importância do treinamento específico para as goleiras, sendo o treino pautado em situações de jogo uma possibilidade interessante para o desenvolvimento de competências específicas, além de trabalhar a interação entre a goleira e as demais companheiras. Concluímos que a goleira tem uma função fundamental também na fase ofensiva, sendo necessário um processo de treinamento pautado no jogo que a prepare para também desempenhar esse papel.

Palavras-chave: Goleira; Handebol; Fase ofensiva.

ABSTRACT: The goalkeeper of handball has a number of particularities when compared to other positions. Even having attention because his/her defensive functions, his/her participation in the attack may be of great importance. This study aimed to describe the perception of coaches of women's handball teams of the cadet category (under-16) on the goalkeeper's function, identifying their preferences regarding training, position specificities and their conception of the goalkeeper in offensive game phase. Five coaches from the biggest league in the state of São Paulo participated in this study. The method was based on a qualitative research, using structured interviews with six questions. Data were tabulated and analyzed according to the Collective Subject Discourse (CSD) method. The coaches showed the importance of the goalkeeper in the offensive phase, highlighting their role in fast ball replacement and the connection of fast breaks, and the possibility of exercising the goalkeeper-line function. It was also highlighted the good communication between the goalkeeper and the other players. Some coaches pointed out that a goalkeeper who contributes with quality to the offensive phase can be a differential in decisive games. In addition, some coaches emphasized the importance of specific training for goalkeepers, with training based on game situations an interesting possibility for the development of specific competences, besides of working the interaction between the goalkeeper and the other teammates. We conclude that the goalkeeper has a fundamental function on the offensive phase, requiring a process of training based on the game that prepares her to also play this role.

Key Words: Goalkeeper; Handball; Offensive phase.

Iara Cristina Pierroni¹
Rafael Pombo Menezes²
Cesar V. Marques Filho¹
Yura Yuka Sato Santos¹
Leilane Alves de Lima¹
Larissa Rafaela Galatti¹

¹Universidade Estadual de
Campinas

²Universidade de São
Paulo

Introdução

O handebol é caracterizado por um enfrentamento entre duas equipes em espaço comum de jogo, permeado por relações simultâneas de cooperação e de oposição. A interação entre jogadores é influenciada pelas estruturas fixas do jogo (dimensões da quadra, bola, duração da partida e regulamento)¹⁻³ e pelas estruturas variáveis (número de jogadores, sistemas de jogo e ações técnico-táticas). Apresenta-se como um contexto de elevada complexidade, com componentes táticos e estratégicos tanto individuais quanto coletivos, pautados nas relações entre ataque e defesa, e situados nas fases ofensivas, defensivas e de transição^{1,4}. Esse panorama exige dos jogadores e jogadoras a tomada de decisão a partir das situações-problema apresentadas pelo cenário do jogo.

No plano da organização, jogadores desempenham funções particulares determinadas pelo espaço que ocupam na quadra (posto específico), em função do sistema de jogo adotado pela equipe^{5,6}, que demandam a realização de diferentes tarefas por característica pessoal ou posição, que devem ser enfatizadas ao longo do processo de treinamento. Dentre os postos específicos destaca-se a de goleiro e goleira, que é dotado de singularidade, cujas tarefas estão diretamente influenciadas pelas circunstâncias e pelo regulamento do jogo. Segundo Greco, Silva e Greco⁷, é um dos principais postos específicos, que exige características especiais do atleta que irá ocupá-lo, pois enquanto último defensor é responsável por evitar o gol, sendo a última opção de defesa após o atacante ter conseguido êxito diante dos demais defensores. Ao goleiro e goleira também é atribuída, como primeiro/a atacante, a função de organizar as possibilidades de contra-ataque. Nesse âmbito, o processo de formação de goleiros e goleiras apresenta uma série de particularidades derivadas das especificidades da posição.

As regras do handebol atribuem a goleiros e goleiras atribuições únicas, por ser a única função em quadra habilitada para adentrar a área para proteger sua baliza. Embora a goleiros e goleiras também seja permitido atuar como um(a) jogador(a) de quadra – desempenhando todas as funções dos demais jogadores (o que leva à necessidade de uma formação global e multilateral desse) – e as recentes mudanças nas regras¹ tenham facilitado a presença do sétimo jogador, treinadores e treinadoras tendem a optar pela substituição do goleiro ou goleira por um(a) jogador(a) de quadra. Essa fragmentação da posição ao contexto do jogo no desenvolvimento de atletas infere ao erro de não desenvolver goleiros e goleiras com relação às interações estabelecidas no jogo^{8,9}. Conforme Muñoz, Martín, Lorenzo e Rivilla¹⁰, a maioria das produções sobre o goleiro de handebol atribui pouco interesse à dimensão tática, enfatizando aspectos físicos e técnicos. A percepção da figura do goleiro e goleira enquanto desconexa às demais posições pode apresentar-se como prejudicial ao desenvolvimento da sua excelência no jogo.

Ao voltar o olhar para a participação efetiva de goleiros e goleiras no jogo, percebe-se a abrangência e a diversidade das funções exercidas por eles. Porém, os estudos sobre análises de desempenho dos goleiros centram-se majoritariamente na fase defensiva¹¹, e em goleiros de equipes masculinas e de alto rendimento¹², revelando uma lacuna sobre a percepção de sua importância para a fase ofensiva^{13,14}. No bojo da discussão que engloba o processo de formação de atletas de handebol, as especificidades do goleiro ou goleira e uma visão mais abrangente sobre suas funções no jogo, torna-se importante identificar como treinadores percebem a importância da goleira na fase ofensiva. Desta forma, este estudo objetivou descrever a percepção de treinadores e treinadoras de equipes femininas de handebol da categoria cadete (sub-16) sobre a função da goleira, identificando suas preferências quanto ao treinamento, especificidades da posição e sua concepção sobre a goleira na fase ofensiva de jogo.

¹ Em especial da regra 4.1 (3º parágrafo) que aponta a possibilidade de jogar sem o goleiro (mas com sete jogadores de quadra) e de outro conjunto de regras (4:4, 4:7, 6:1, 6:2c, 6:3, 8:7f, 14:1a e o comentário da regra 8:5, 2º parágrafo) que estabelecem a padronização de condutas para esses casos. Tais alterações entraram em vigência a partir de 01/07/2016 e estão disponíveis em http://ihf.info/files/Uploads/NewsAttachments/0_New-Rules%20of%20the%20Game_GB.pdf

Materiais e métodos

Participaram do estudo cinco treinadores e treinadoras de equipes femininas de handebol da categoria cadete (sub-16), cujas equipes disputaram a maior liga de handebol do Estado de São Paulo (Brasil) no ano de 2015. Os treinadores e treinadoras, aqui denominados S1, S2, S3, S4 e S5, foram selecionados a partir dos critérios de amostragem por conveniência¹⁵, considerando-se a proximidade territorial, a disponibilidade e a participação na referida Liga. De oito treinadores que disputaram a competição, cinco aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, previamente aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional. A Figura 1 apresenta a caracterização de treinadores que participaram desse estudo.

Treinador (a)	Idade	Sexo	Graduação em Educação Física	Pós-graduação	Tempo de atuação como treinador (a)
S1	47	Masculino	Sim	Sim	17 anos
S2	32	Feminino	Sim	Sim	10 anos
S3	45	Masculino	Sim	Não	24 anos
S4	27	Feminino	Sim	Sim	2 anos
S5	40	Masculino	Sim	Não	9 anos

Figura 1. Caracterização dos treinadores participantes.

Para a coleta dos dados foi utilizado um instrumento de entrevista estruturada, adaptado de Menezes, Marques e Morato¹⁶ (Figura 2), contendo seis questões sobre a percepção do treinador em relação à importância e ao processo de treinamento da goleira na fase ofensiva, as quais foram transcritas para posterior análise. A análise foi realizada através do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que consiste em uma proposta de organização e tabulação dos dados qualitativos de natureza verbal obtidos em depoimentos. Podemos considerar o DSC como um discurso síntese, composto por pequenos trechos dos discursos individuais dos sujeitos entrevistados, destacados de trechos semelhantes ou que apresentam a mesma ideia^{17,18}. A partir das entrevistas, foram identificadas as ideias centrais (IC) e as suas correspondentes expressões-chave (ECH), cujo agrupamento possibilitou a construção do DSC. A confirmação dos IC, ECH e DSC que emergiram das entrevistas foi estabelecida pelo confronto e discussão com dois pesquisadores doutores experientes.

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA
1) Na sua opinião, quais são as características da goleira na categoria cadete?
2) Na sua opinião, a goleira deve ter algum treinamento específico nessa categoria?
3) O que você acha que seus goleiros devem saber fazer individualmente para contribuir com o ataque seja eficaz nessa categoria?
4) Como você ensina esses conteúdos?
5) O que você acha que seus goleiros devem saber fazer coletivamente para que o ataque seja eficaz nessa categoria?
6) Como você ensina esses conteúdos?

Figura 2. Roteiro de entrevista estruturada com os treinadores e treinadoras.

Resultados

A Figura 3 apresenta a IC1 “Goleira como atacante”, da qual foram elaborados os DSC1 “Reposição de bola”, DSC2 “Contra-ataque”, e DSC3 “Jogos decisivos”. Da IC2 “Especificidades” foram elaborados os DSC4 “Orientação” e DSC5 “Características” (Figura 4). Por fim, da IC3 “Treinamento” foram elaborados os DSC6 “Treinamento

específico” e DSC7 “Desenvolvimento do treino” (Figura 5).

IC1: GOLEIRA COMO ATACANTE

DSC1: Reposição de bola (S1,S2)

Estudamos que a nossa primeira atacante é a goleira, então a partir do momento em que houve um arremesso, ela já tem que estar sabendo onde ela vai passar essa bola^{S1}. A goleira é a primeira atacante, ela tem que ter o tempo, na hora que ela encaixar essa bola ou a bola passar perto da trave ali, ela tem que saber reposicionar essa bola muito rápida no jogo^{S2}. Então ela é a primeira jogadora com a bola, ela tem que saber onde ela vai lançar, quem está desmarcado, quem tem condições de receber a bola, se ele vai ter que segurar o jogo^{S2}. Coletivamente, ela tem que saber fazer esse lançamento adequado ou no máximo conseguir orientar a saída de bola. O que for próximo da área de falta ou lateral ela que vai ter que sair, auxiliar o ataque nessa saída rápida^{S2}.

DSC2: Contra-ataque (S1,S4,S5)

Estar repondo essa bola o mais rápido possível^{S4}, porque estamos falando de um conjunto de goleira com atacante^{S5}. Para dar continuidade no jogo, em forma de tiro de meta ou de um passe para a cobrança de um tiro de saída^{S4}, a primeira bola que a goleira deve ver é o contra-ataque^{S1,S5}, lançamento dos pontas, dos pivôs, a bola de saída rápida^{S5}, já passa para a colega dela que está livre^{S1}. Um grande defeito que eu brigo demais, é que elas querem contra-ataque pelo centro da quadra^{S1}.

DSC3: Jogos decisivos (S4)

Vendo a importância que tem a goleira, principalmente em jogos decisivos para mim, isso é uma coisa que ficou bem clara em jogos bem parelhos que a goleira realmente faz a diferença no jogo, então a gente tenta ensinar que a importância dela na contribuição para o ataque é fundamental, porque é na goleira que começa tudo^{S4}.

Figura 3. IC1, DSC1, DSC2 e DSC3 elaborados a partir do discurso dos treinadores.

IC2: ESPECIFICIDADES

DSC4: Orientação (S2,S3,S5)

Eu gosto da goleira que conversa com a equipe, então ela tem que saber onde ela vai lançar, para quem ela vai lançar, quem está desmarcado, quem tem condições de receber a bola, se ela vai ter que segurar o jogo e chamar alguém mais perto para sair com mais calma, ela tem que saber fazer isso^{S2}. Passar uma instrução porque como você está atrás da defesa, pode passar uma orientação do espaço, conversar com a defesa, em seguida no ataque ela já deve saber qual o jogador que ela vai sair com a bola, e ela define algumas regras^{S5}. Ela tem que estar conversando o tempo todo com os defensores, que serão os atacantes, e acho que ela deve combinar algumas ações^{S3}.

DSC5: Características (S3,S4,S5)

Eu trabalho com três goleiras aqui, as três tem características diferentes uma da outra. Tem uma jogadora que tem um movimento mais rápido do que as outras duas, tem uma que tem um movimento mais de braço e não muito de perna, tem outra que trabalha mais um lado do que o outro^{S5}. Isso vai muito da característica da goleira, eu tenho uma goleira que é um pouco menor e é um pouco mais rápida, e eu tenho uma goleira que é um pouco mais alta então eu consigo a fazer jogar um pouco mais alto no gol também^{S3}. A gente tenta identificar as falhas técnicas de cada um e onde tem mais dificuldade e trabalha com as goleiras, os conteúdos passam os um pouco visando a individualidade biológica e genética de cada uma e ela tem que ter um bom passe^{S4}.

Figura 4. IC2, DSC4 e DSC5 elaborados a partir do discurso dos treinadores.

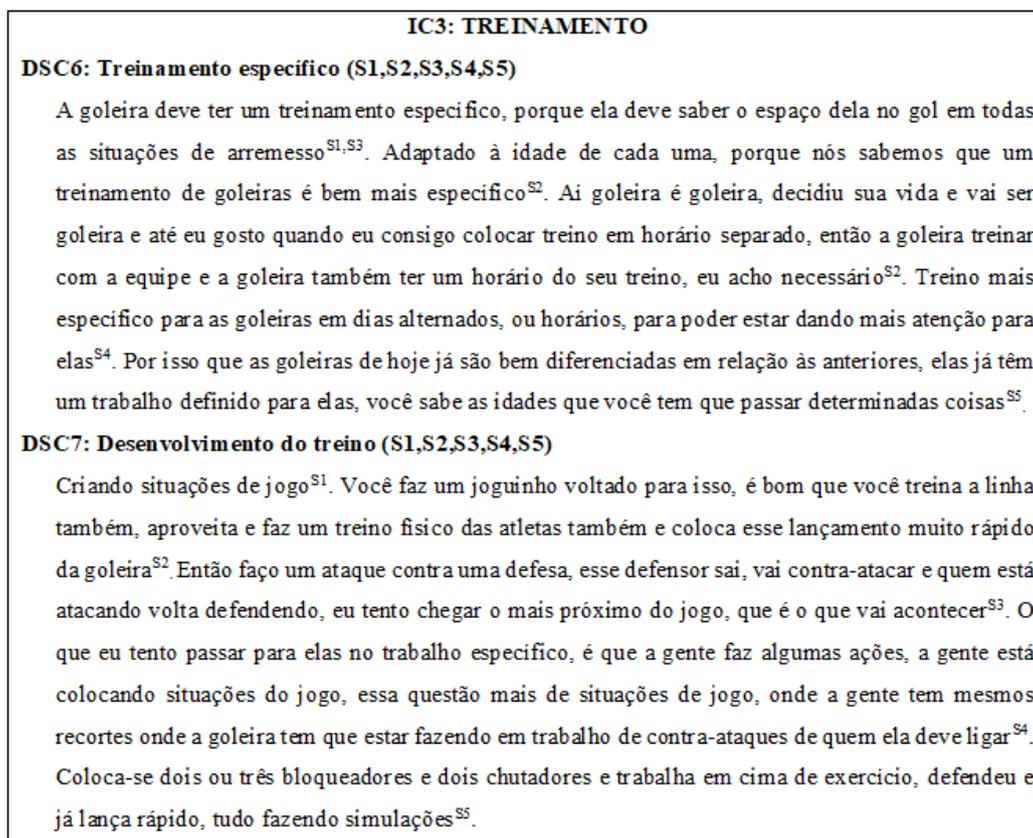


Figura 5. IC3, DSC4 e DSC5 elaborados a partir do discurso dos treinadores.

Discussão

A importância da goleira na fase ofensiva é apontada pelos treinadores e treinadoras como significativa (IC1). A goleira é caracterizada como a primeira atacante da equipe, dando início às jogadas de ataque e tendo por responsabilidade a saída de bola qualificada (DSC1), tanto em contra-ataques (DSC2) como em jogo sustentado¹⁹. No entanto, com as alterações realizadas no regulamento oficial do handebol²⁰, especificamente a regra do sétimo jogador, espera-se que as ações ofensivas da goleira possam se manifestar com maior frequência (em especial os arremessos), principalmente em momentos do jogo em que a equipe adversária opta por jogar com sete jogadoras, quando seu gol está desguarnecido (e, portanto, favorecendo um arremesso direto pela goleira ao recuperar a posse da bola). Essas ações ofensivas da goleira não podem ser vistas de forma isolada dentro do jogo, visto que um arremesso ou reposição de bola rápida em um contra-ataque pressupõem uma ação defensiva efetiva. Menezes, Morato e Marques²¹ apontam que contra-ataques não emergem de acasos da dinâmica do jogo, e sim pelo trabalho tático iniciado na fase defensiva, na qual os defensores tentam induzir seus adversários a tomar decisões que, de certa forma, preconizam menor risco defensivo (como a finalização de regiões menos efetivas na quadra). Assim, podemos considerar as ações defensivas e ofensivas da goleira como um sistema interdependente o qual um influenciará e dependerá do outro²², apontando para um processo de treinamento que observe essas particularidades.

A atuação da goleira foi caracterizada como decisiva, principalmente nos jogos que apresentam desempenho similar entre as equipes (DSC3), assim, sua eficácia torna-se um diferencial para o resultado do jogo²³⁻²⁵. Corroborando os nossos achados, Prudente, Garganta e Anguera²⁴ constataram que 100% dos participantes de sua pesquisa (especialistas em handebol, como treinadores profissionais e professores universitários), consideraram a eficácia da goleira como um fator muito importante para o rendimento da equipe. Já Teles e Volossovitch²⁶ investigaram indicadores de desempenho durante os últimos 10 minutos e sua relação com o desfecho da partida e encontraram

correlações positivas entre a eficácia do goleiro e o resultado final do jogo (correlação significativa entre 4 defesas do goleiro e a classe vitória), ou seja, a eficácia defensiva de goleiros cujas equipes estavam a frente no placar, eram de 50%, dado que não se repete para equipes em situação oposta. Portanto, a partir do exposto, a eficácia da goleira se mostrou um fator determinante para sucesso da equipe. Sendo a fase defensiva interdependente da ofensiva, a goleira também contribui ofensivamente à equipe por meio de ações defensivas, como, por exemplo, uma defesa que gera um contra-ataque.

Quanto às especificidades observou-se a ênfase na orientação (DSC4) da goleira para a equipe. Os aspectos de comunicação podem ser de cunho motor, verbal ou gestual, influenciando diretamente no rendimento coletivo^{27,28}. Pelo fato da goleira se posicionar de frente para o terreno de jogo, essa detém uma perspectiva panorâmica e pode contribuir orientando as jogadoras de linha. Greco²⁹ afirma que a goleira é a primeira atacante, muitas vezes sendo a responsável por controlar o ritmo inicial do ataque. Os treinadores relataram a importância de ter estratégias/combinções com as jogadoras de quadra, para orientar a defesa e controlar a saída para o ataque ou contra-ataque, corroborando a afirmação do autor supracitado. Além disso, em relação às características das goleiras (DSC5), os treinadores relataram que as especificidades influenciam na organização do treinamento de cada uma. Também mostrou-se importante que a goleira tenha um bom passe, afinal, essa ação que pode facilitar a reposição de bola em jogo e as ações de contra ataques³⁰. Essas declarações corroboram a ideia de não fragmentação das ações desse posto específico em relação às demais jogadoras.

O treinamento específico é dado pelos treinadores e treinadoras como importante no processo de ensino-treino das goleiras (DCS6). Um treinamento que atenda as particularidades de cada posto específico, em especial da goleira, se torna de crucial importância, tendo em vista a necessidade de desenvolvimento de suas competências^{10,31,32}. Entretanto, Muñoz, Martín, Lorenzo e Rivilla¹⁰ apontam que, na maioria dos casos, esse treinamento individualizado prioriza os âmbitos físicos e técnicos, em detrimento do tático. Desta forma, destaca-se a importância de um treinamento específico, enfatizando que esse não deva ocorrer de forma descontextualizada do jogo, mas de acordo com as demandas específicas em função da sua lógica^{10,14,33}. Neste estudo, o DSC7 mostra que alguns treinadores se preocupam com o treinamento das goleiras por meio de jogos, por entenderem que seus estímulos se aproximam dos requisitos exigidos pelo jogo formal de handebol. Embora os treinadores tenham mencionado tais aspectos no DSC7, assume-se como uma limitação deste tipo de estudo o fato de que nem sempre as opiniões expressas pelos treinadores de fato são realizadas na prática.

Conclusões

A goleira no handebol apresenta-se como uma jogadora singular, devido às regras próprias para sua atuação nesse posto específico. Um entendimento básico sobre o jogo é suficiente para perceber sua importância defensiva, sendo a última e principal jogadora responsável por defender a baliza. Entretanto, com um olhar mais aprofundado de sua atuação, percebe-se um leque mais amplo de possibilidades para que a mesma contribua ao desempenho de sua equipe, em especial durante a fase ofensiva do jogo.

Os resultados evidenciam a importância dada à goleira na fase ofensiva a partir das percepções dos treinadores. Em especial, é salientada a reposição de bola rápida e a ligação de contra-ataques como suas principais contribuições ao jogo ofensivo. Para que isso ocorra, é necessário o estabelecimento de uma boa interação com a equipe, possibilitando que as ações possam ser eficientes de um ponto de vista coletivo. Além disso, é exposto por parte dos treinadores que uma goleira que contribui com qualidade à fase ofensiva pode ser diferencial em jogos decisivos.

A fim do desenvolvimento qualificado de goleiras, os treinadores ressaltam a importância do treinamento específico, podendo ser realizados em horários alternativos aos do restante da equipe (treino individual) ou em conjunto

com esse. O treinamento de goleiras pautado em situações de jogo constitui-se como uma interessante possibilidade, visto que irá abarcar o desenvolvimento de elementos cruciais que envolvem aspectos psicológicos, a interação da goleira com as demais companheiras, seu conhecimento das regras, sua capacidade de tomar decisão e suas capacidades físicas.

Referências

1. Menezes RP. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. *Pensar a Prática* [periódico na internet]. 2010; 13(1): 1-15. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/feef/article/viewArticle/7269>
2. Agulló JJE, Turpin JAP, Anta RC. Evolución histórica y táctica de los sistemas de juego defensivos en balonmano en situaciones de desigualdad numérica. *E-Balonmano.com Rev Ciencias del Deport* [periódico na internet]. 2012; 8(2): 93-104. Disponível em: <http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/109>
3. Lima LA, Galatti LR, Reverdito RS, Antúnez AM, Scaglia AJ. Pedagogia do Esporte e Handebol: Pressupostos para Sistematização do Conteúdo a partir das Competências Essenciais para o Jogo. In: Machado AA, Tertuliano IW, editors. *Educação Física e Esportes*. São Paulo: Alexa Cultural; 2017. p. 129-41.
4. Ferreira Filho E, Sousa PRC, Greco PJ. Evolução técnico-tática do handebol (1986 a 1995) e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem e treinamento. *Rev Min Educ Física* [periódico na internet]. 2001; 9(2): 49-56. Disponível em: <http://www.revistamineiradeefi.ufv.br/artigos/arquivos/191fb60a2b22b5cabdb2673ed1902440.pdf>
5. Garganta J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: Graça A, Oliveira J, editors. *O Ensino dos Jogos Desportivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos - FCDEF - UP; 1995. p. 11-25.
6. Medina A, Parra M. La especificidad de la condición física del portero de balonmano. *E-balonmano: Rev Cienc del Deporte* [periódico na internet]. 2008; 4(1): 5-12. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2942961&orden=204287&info=link>
7. Greco P, Silva S, Greco F. O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro (SFTE-HB). In: Greco J, Romero J, editors. *Manual de handebol: da iniciação ao alto nível*. São Paulo: Phorte; 2012. p. 235–50.
8. Antón L. Uso del “portero falso” en inferioridad numérica atacante: ¿nueva aportación táctico-estratégica? 2010; 6(1): 3-27.
9. Galatti LR, Reverdito RS, Scaglia AJ, Paes RR, Seoane AM. Pedagogia do Esporte: Tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. *Rev da Educ Fis*. 2014; 25(1): 153-62.
10. Muñoz A, Martín E, Lorenzo J, Rivilla J. Análisis De Los Diferentes Modelos De Entrenamiento Para Porteros De Balonmano. *e-balonmano.com Rev Digit Deport*. 2012; 8(3): 223-32.
11. Fuertes XP, Peñas CL, Martínez LC. La influencia de la eficacia del portero en el rendimiento de los equipos de balonmano. *Apunt Educ física y Deport*. 2010; 99(1): 72-81.
12. Modolo F, Beltrami L, Menezes RP. Revisão sistemática sobre o processo de ensino e de análise do goleiro de handebol. *Cuad Psicol del Deport*. 2018; 3(17): 234-51.
13. Trade R. Palavra do goleiro. In: Greco PJ, editor. *Caderno do goleiro de handebol*. Belo Horizonte: [s.n.]; 2002. p. 9-10.
14. Gómez RA. El Entrenamiento Del Portero De Balonmano En Las Etapas De Iniciación. *e-balonmano.com Rev Ciencias del Deport* [periódico na internet]. 2007; 3(2): 21-32. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2481001>
15. Patton MQ. *Qualitative research and evaluation methods*. 3. ed. London: Sage; 2002.
16. Menezes RP, Marques RFR, Morato PM. Percepção de treinadores de andebol sobre as variáveis defensivas e ofensivas do jogo na categoria sub12. *Motricidade* [periódico na internet]. 2016; 12(3): 6-19. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=s3h&AN=122307172&lang=pt-br&site=ehost-live>
17. Lefevre F, Lefevre AMC, Marques MC. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. 2009; 14(4): 1193-204. Disponível em: www.spi-net.com.br
18. Lefevre F, Lefevre AMC, Teixeira JJ V. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. *Caxias do Sul: EDUCS*; 1992.
19. Greco P, Neves L, Matias C. Evolução técnico-tática do rendimento do goleiro de handebol. In: Greco P, editor. *Caderno do Goleiro de Handebol*. Belo Horizonte: [s.n.]; 2002. p. 53-70.

20. IHF. Handball: fascination for Thousand Years. Basileia: International Handball Federation; 2013.
21. Menezes RP, Morato MP, Marques RFR. Estratégias de transição ofensiva e defensiva no handebol na perspectiva de treinadores experientes. *J Phys Educ* [periódico na internet]. 2016; 27(1): 1-12. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/30783/17992>
22. Capra F, Luisi P. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix; 2014.
23. Prudente J. *Análise da performance tático-técnica no Andebol de alto nível: estudo das acções ofensivas com recurso à análise sequencial*. [Tese de Doutorado]. Funchal: Universidade da Madeira; 2006. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/123/1/DoutoramentoJoão Prudente.pdf>
24. Prudente J, Garganta J, Anguera M. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. 2004; 4(3): 49-65.
25. Oliveira A. *O Guarda-redes de Andebol. Um estudo exploratório das suas características e eficiencia nos remates de 1ª linha e de ponta*. Universidade do Porto; 1996.
26. Teles N, Volossovitch A. Influência das variáveis contextuais no desempenho das equipas nos últimos 10 minutos do jogo de handebol. *Rev Bras Educ Física e Esporte* [periódico na internet]. 2015; 29(2): 177-87. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092015000200177&lng=pt&tlng=pt
27. Otero F, Pere L. *Introducción a la praxiología motriz*. [s.l.]: Editorial Paidotribo; 2003.
28. Parlebas P. *Léxico de praxiología motriz*. Barcelona: Editorial Paidotribo; 2001.
29. Greco P. *Caderno do goleiro de handebol*. Belo Horizonte: [s.n.];
30. Modolo F. *A formação esportiva do goleiro de handebol: características apontadas pelos treinadores da categoria sub-16*. [Dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2017.
31. Greco P, Benda R. O Sistema de formação e treinamento esportivo do goleiro de handebol. In: Greco P, editor. *Caderno do goleiro de handebol*. Belo Horizonte: [s.n.]; 2002. p. 21-32.
32. Novoa IR. El portero de balonmano y las habilidades perceptivas: propuesta de entrenamiento en niños. 2012; 8(3): 209-22.
33. Pérez A, Gerona T. *Psicología aplicada al balonmano*. Barcelona: Editorial Paidotribo; 2008.